

Divinas inspirações

Este artigo pormenoriza o que ocorreu no coração de S. Josemaria em 2 de Outubro de 1928 e o caminho que Deus preparou desde essa data para os seus filhos.

30/09/2022

Em 1931, o fundador do Opus Dei registrava nos seus Apontamentos íntimos, o que tinha sucedido na manhã de 2 de Outubro de 1928, quando se encontrava na Rua García de Paredes, de Madri, a participar nuns exercícios espirituais. Eis as

suas palavras: **«Recebi a luz sobre toda a Obra, enquanto lia aqueles papéis. Ajoelhei-me comovido — estava sozinho no meu quarto, no intervalo entre uma prática e outra — dei graças ao Senhor e recordo com emoção o toque dos sinos da paróquia de Nossa Senhora dos Anjos (...). Recompilei com alguma unidade as notas soltas, que até aí vinha tomando»** [1]. Esta anotação abre uma janela à sua alma ao mesmo tempo que põe em evidência a iniciativa divina do sucedido.

A luz que S. Josemaria recebeu foi uma irrupção de Deus na história. Deus continua a atuar no mundo, no “*hic et nunc*”, no “*aqui e agora*” da vida dos homens. O Opus Dei é trabalho de Deus, *operatio Dei*. “*Deus trabalha*”, insistiu o Papa Bento XVI na sua última viagem a França, citando o Evangelho de João. **«Assim o trabalho dos homens tinha que**

*aparecer como uma expressão especial da sua semelhança com Deus; e, desta maneira, o homem tem capacidade e pode participar na obra criadora de Deus no mundo» [2]. Deus continuará sempre a atuar, presente na Sua Igreja, transformando o mundo e convertendo as almas. Como reza a quarta Oração Eucarística, o Espírito Santo foi enviado do Pai pelo Filho para continuar no mundo a Sua obra: *opus suum in mundo perficiens*.*

«Recebi a luz sobre toda a Obra».

Em 2 de outubro de 1928 já está presente todo o Opus Dei, embora a luz do 14 de fevereiro de 1930 fará entender a S. Josemaria que também as mulheres formarão parte da Obra. Pese embora a solução jurídica para os sacerdotes não tenha chegado senão em 14 de Fevereiro de 1943, em 2 de Outubro encontramos já o sacerdócio: o primeiro sacerdote do Opus Dei é o próprio fundador. O

Opus Dei nasce na Igreja, Deus elegeu um sacerdote para o fundar. Trata-se de proclamar a chamada universal à santidade e ao apostolado, o valor santificador do trabalho profissional, feito o melhor possível, quando se transforma em oração e serviço aos outros.

«Ajoelhei-me comovido». A atitude do fundador reflete a sua fé.

Ajoelhar-se é reconhecer que se está diante do Mistério: algo que é sagrado e que, portanto, não nos pertence. Se esse ato exterior é acompanhado de uma autêntica disposição interior, manifesta ao mesmo tempo fé e humildade. Só Deus é Deus. Tudo provém d'Ele; conta, certamente, com a nossa resposta generosa, mas é Deus que nos elegeu e nos amou primeiro. Diante da Sua bondade, nasce espontaneamente a ação de graças: **«dei graças ao Senhor».**

No Novo Testamento, o fato de ajoelhar-se ou de prostrar-se significa obediência, respeito. Assim atua o leproso diante de Cristo e os discípulos na barca, quando a tempestade foi acalmada. No Getsemani, Nosso Senhor, de joelhos sobre a pedra dura, quando na obscuridade mal se distinguem as oliveiras, diz com a força do amor um **sim** à Vontade do Pai. Jesus ajoelha-se com a humildade da Sua vontade humana, unida à Sua vontade divina, com um gesto físico cujo simbolismo permanece hoje válido e sê-lo-á sempre, para todas as culturas. A justo título se sublinhou que antigamente se representava o diabo sem joelhos, pois carece da força de Deus; não sabe amar: «*a incapacidade de ajoelhar-se aparece, por assim dizer, como a própria essência do diabólico*» [3].

Ao contrário do anjo caído, os anjos no Céu, miríades, cantam as glórias

de Deus. No dia 2 de Outubro de 1928, os sinos da igreja de Nossa Senhora dos Anjos, talvez convocassem o povo para se reunir em assembleia, ou simplesmente para dar as horas. O tocar daqueles sinos ressoaria no coração de S. Josemaria durante toda a sua vida. Nesse coração, na festa dos Santos Anjos da Guarda, nascia a semente do Opus Dei.

Com visão de fé, a partir daquela manhã, o fundador via o Opus Dei projetado no tempo e no espaço. O que via? Sobretudo, as pessoas, uma a uma, muitas almas, **«homens e mulheres de Deus, que levantarão a Cruz com as doutrinas de Cristo sobre o pináculo de toda a atividade humana»** [4].

Transmitir a semente do Opus Dei é, antes de tudo, colocar as almas na proximidade de Deus, junto de Jesus Cristo. E para levar a cabo essa tarefa

é essencial um profundo sentido da filiação divina, da qual S. Josemaria será eficaz arauto ao longo da sua vida: o batizado é filho de Deus em Cristo. Com efeito, **«o que não se sabe filho de Deus, desconhece a sua verdade mais íntima e carece, na sua atuação, do domínio e do senhorio próprios dos que amam o Senhor acima de todas as coisas»** [5].

O olhar do filho de Deus penetra todas as profissões honestas, ama o mundo que nasceu bom das mãos de Deus e abraça toda a humanidade, numa bela e original evocação. O trabalho nasce do amor; a sabedoria é a ciência do amor; santificar o trabalho é uma arte, caminho para Deus: uma colaboração apaixonada com Deus, que dá sentido à vida e portanto segurança, pois Deus não nos abandona nunca. Cada um deve ser mestre de santidade, também com as suas misérias e transmitir a fé

com uma entrega que deixa atuar a brisa suave do Espírito Santo, o Espírito de Cristo.

O centro de toda a história da salvação é Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro: somos o seu povo que, na Eucaristia, é convocado fazendo-se corpo de Cristo. Na Missa, a Igreja oferece Cristo e oferece-se, enquanto se faz Igreja: Corpo de Cristo.

O mesmo sucede com o Opus Dei que, como S. Josemaria gostava de dizer, é uma partezinha da Igreja [6]. O espírito da Obra impele a amar a **«servir a Igreja, e todas as criaturas, sem servir-se da Igreja»** [7]. Cada cristão leva consigo, por assim dizer, toda a Igreja, a corte celestial e os santos. Todos os santos, cada um deles, são nossos, desde o bom ladrão até à Santa Narcísa, mulher equatoriana canonizada por Bento XVI em outubro de 2008. Nos

primeiros anos do Opus Dei, S. Josemaria sonha já com o mundo inteiro.

No 2 de Outubro de 1928, quando S. Josemaria vê a Obra, acaba de celebrar a Santa Missa, para a salvação do mundo. Com o rito penitencial e mediante muitas outras orações do Cânon, manifestou, com toda a sua paixão de bom sacerdote que procura a vontade de Deus, o desejo de ter um coração puro. Não sabe ainda que será um apóstolo da santificação da vida corrente, que recordará a tantas almas que oferecerão a Deus sacrifícios espirituais de agradável odor, unidos ao Sacrifício da Missa, centro e raiz da vida interior. Fez-se presente o Mistério da Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão de Jesus Cristo, sentado à direita do Pai.

Na atualização do mistério pascal, Cristo oferece-se sob as aparências

do pão e do vinho, frutos da terra, da videira e do trabalho do homem. O pão já não é pão, é o Seu Corpo; o vinho, o Seu Sangue. Jesus está real e substancialmente presente, como ensinou: *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccáta mundi*. O Céu desceu à terra, já se antecipa a liturgia celestial, a ceia das bodas do Cordeiro, como sublinha a forma habitual do Rito latino, que acrescenta: *Beati qui ad cenam agni vocáti sunt*. S. Josemaria rezou também nessa altura aquelas palavras que hoje se encontram no Missal do Bem-aventurado João XXIII: *Corpus tuum, Dómine, quod sumpsi, et Sanguis, quem potávi, adhaéreat viscéribus meis*. O Corpo e o Sangue de Cristo fizeram-se íntimos a esse jovem sacerdote de vinte e seis anos, que está quase a ver o Opus Dei.

Todas as nações estavam de algum modo na Missa do fundador, que

bem podia afirmar que, em cada Missa, **«a terra e o Céu unem-se para entoar com os Anjos do Senhor: Sanctus, Sanctus, Sanctus...»** [8]. Toda a criação, pois o Céu e a terra estão cheios da glória divina [9].

No 2 de Outubro de 1928, o Fundador deu graças a Deus e se pôs-se a trabalhar. **«Recompilei com alguma unidade as notas soltas, que até aí vinha tomando»**, escreveu. Embora tenha considerado depois, na sua humildade, que tinha tardado em secundar a inspiração divina, S. Josemaria trabalhou muito. O Opus Dei foi assim o fruto da iniciativa divina e da correspondência humana, uma manifestação de que o Espírito Santo guia e santifica o Seu Povo: como ensina o Concílio Vaticano II [10], Deus quis que a Sua Igreja tomasse uma renovada consciência da chamada universal à santidade. É este o núcleo da

mensagem que S. Josemaria tinha recebido já em 1928 e que os fiéis do Opus Dei, comprometidos em santificar o mundo a partir de dentro, procuram difundir com a sua própria vida.

A festa litúrgica dos Santos Anjos da Guarda começou a celebrar-se em Espanha e em França no século V. Em 1670, o Papa Clemente X estendeu-a à Igreja universal, fixando a sua celebração no dia 2 de Outubro. Que Deus fizera ver ao fundador esta partezinha da Igreja na festa dos Santos Anjos, parece como que uma chamada da Providência a não perder nunca o ponto de mira sobrenatural: há muitos anjos no nosso caminho, guardam-nos executando as ordens do Senhor e louvando-O sempre, como recorda a Sagrada Escritura em textos que, em 1928, se liam na liturgia da Missa do dia 2 de outubro [11].

Neste ano mariano que o Prelado estabeleceu para o Opus Dei, a ação de graças dos seus fiéis e das pessoas que participam nos seus apostolados, dirige-se à Virgem Maria, o primeiro *opus Dei* por razão de excelência, como a chamou o Santo Padre João Paulo II, durante una audiência concedida a D. Álvaro del Portillo nos primeiros dias do seu pontificado. Pedimos à nossa Mãe do Céu que nos faça pequenos, humildes, para nos enchermos de Deus.

G. Derville.

[1] S. JOSEMARIA, Apontamentos íntimos, nn. 306, em A. Vázquez de Prada, O Fundador do Opus Dei, vol. I, Quadrante, São Paulo 1997, p. 270.

[2] BENTO XVI, Encontro com o mundo da cultura no Collège des Bernardins de Paris, 12- 09 -2008; cfr. Jo 5, 17.

[3] JOSEPH RATZINGER, El espíritu de la liturgia, Madri, 2001, p. 218.

[4] S. JOSEMARIA, Apontamentos íntimos, n. 217-218, em A. Vázquez de Prada, O Fundador do Opus Dei, vol. I, Quadrante, São Paulo 1997, p. 349..

[5] S. JOSEMARIA, Amigos de Deus, n. 26.

[6] Cfr. PEDRO RODRÍGUEZ, FERNANDO OCÁRIZ, JOSÉ LUIS ILLANES, El Opus Dei en la Iglesia, Madri, 2001, p. 22.

[7] S. JOSEMARA, Questões Atuais do Cristianismo, nn. 47.

[8] S. JOSEMARIA, Cristo que passa, n. 89.

[9] Cfr. Missal Romano, *Sanctus*.

[10] Cfr. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n. 11.

[11] Cfr. Ex 23, 20-23; Sal 91 (90), 11-12; 103 (102), 20-21.

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/divinas-
inspiracoes/](https://opusdei.org/pt-br/article/divinas-inspiracoes/) (03/04/2026)